

# International Multidisciplinary Research Journal

## *Golden Research Thoughts*

Chief Editor  
Dr.Tukaram Narayan Shinde

Publisher  
Mrs.Laxmi Ashok Yakkaldevi

Associate Editor  
Dr.Rajani Dalvi

Honorary  
Mr.Ashok Yakkaldevi

Golden Research Thoughts Journal is a multidisciplinary research journal, published monthly in English, Hindi & Marathi Language. All research papers submitted to the journal will be double - blind peer reviewed referred by members of the editorial board. Readers will include investigator in universities, research institutes government and industry with research interest in the general subjects.

### Regional Editor

Dr. T. Manichander

### International Advisory Board

Kamani Perera  
Regional Center For Strategic Studies, Sri Lanka

Mohammad Hailat  
Dept. of Mathematical Sciences,  
University of South Carolina Aiken

Hasan Baktir  
English Language and Literature  
Department, Kayseri

Janaki Sinnasamy  
Librarian, University of Malaya

Abdullah Sabbagh  
Engineering Studies, Sydney

Ghayoor Abbas Chotana  
Dept of Chemistry, Lahore University of  
Management Sciences[PK]

Romona Mihaila  
Spiru Haret University, Romania

Ecaterina Patrascu  
Spiru Haret University, Bucharest

Anna Maria Constantinovici  
AL. I. Cuza University, Romania

Delia Serbescu  
Spiru Haret University, Bucharest,  
Romania

Loredana Bosca  
Spiru Haret University, Romania

Ilie Pinteau,  
Spiru Haret University, Romania

Anurag Misra  
DBS College, Kanpur

Fabricio Moraes de Almeida  
Federal University of Rondonia, Brazil

Xiaohua Yang  
PhD, USA

Titus PopPhD, Partium Christian  
University, Oradea, Romania

George - Calin SERITAN  
Faculty of Philosophy and Socio-Political  
Sciences Al. I. Cuza University, Iasi

.....More

### Editorial Board

Pratap Vyamktrao Naikwade  
ASP College Devrukh, Ratnagiri, MS India Ex - VC. Solapur University, Solapur

Iresh Swami

Rajendra Shendge  
Director, B.C.U.D. Solapur University,  
Solapur

R. R. Patil  
Head Geology Department Solapur  
University, Solapur

N.S. Dhaygude  
Ex. Prin. Dayanand College, Solapur

R. R. Yalikal  
Director Management Institute, Solapur

Rama Bhosale  
Prin. and Jt. Director Higher Education,  
Panvel

Narendra Kadu  
Jt. Director Higher Education, Pune

Umesh Rajderkar  
Head Humanities & Social Science  
YCMOU, Nashik

Salve R. N.  
Department of Sociology, Shivaji  
University, Kolhapur

K. M. Bhandarkar  
Praful Patel College of Education, Gondia

S. R. Pandya  
Head Education Dept. Mumbai University,  
Mumbai

Govind P. Shinde  
Bharati Vidyapeeth School of Distance  
Education Center, Navi Mumbai

G. P. Patankar  
S. D. M. Degree College, Honavar, Karnataka

Alka Darshan Shrivastava  
Shaskiya Snatkottar Mahavidyalaya, Dhar

Chakane Sanjay Dnyaneshwar  
Arts, Science & Commerce College,  
Indapur, Pune

Maj. S. Bakhtiar Choudhary  
Director, Hyderabad AP India.

Rahul Shriram Sudke  
Devi Ahilya Vishwavidyalaya, Indore

Awadhesh Kumar Shirotriya  
Secretary, Play India Play, Meerut (U.P.)

S. Parvathi Devi  
Ph.D.-University of Allahabad

S.KANNAN  
Annamalai University, TN

Sonal Singh,  
Vikram University, Ujjain

Satish Kumar Kalhotra  
Maulana Azad National Urdu University



## O “EU” E O “NÓS” ANALISADOS PELA TEORIA ELISIANA: O PROCESSO CIVILIZADOR E AS INTER-RELAÇÕES SOCIAIS NO CONTEXTO RURAL

(The "I" and the "We" analyzed by the elysian theory: The civilizing process and the social inter-relations in the countryside context)

Águida Meneses Valadares Demétrio<sup>1</sup> and Rita Maria dos Santos Puga Barbosa<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Mestra em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM (2017);

<sup>2</sup> Pós-doutora em Educação Física pela UFSC; Doutora em Educação Física pela UNICAMP; Mestre em Ciência de Alimentos; e em Educação.

### ABSTRACT

**T**he society composed of individuals guides the formation and socio-historical processes seeing that all human society consists of distinct individuals and every human individual only humanizes himself by learning to act, speak and feel in the conviviality with others because it is through these interactions that the societies develop referring us to the "I" itself, or to the "we", in constant transmutation. As we develop our adult conceptions, "we" overlap because we are constantly guided by the civilizing process which regulates how individuals should behave. Ethnographic research of the technical participant observation and free interviews with 100 subjects of the research. We have detected that the emotional and behavioral structures are incorporated, molded, guided by the rules in the social interrelation. They are acquired from early childhood, it is going through teaching schooling, and extended into professional relationships in a network figurative of relationships and forming social settings.



**KEYWORDS:** Civilizing process; Social interrelationships; Interdependence; Social settings.

### INTRODUÇÃO

Para entender a socialização em um assentamento rural, instigamo-nos a “vivenciar”, quer empiricamente, quer nas teorias, esse “mundo paralelo”, que são as “vivências” que distam do cotidiano urbano: sem internet, cinema, centros de compras, clubes, espaços sociais custeados pelo Estado para o lazer. Transitar entre teoria e prática, entre mundo teórico e empírico, ampliou nossos conceitos, clareou nossas ideias, favoreceu observarmos o processo civilizador em contextos diferenciados, possibilitou sanar questionamentos que nos incomodavam: Como se comportam socialmente as sociedades rurais? Sobressai-se o “eu” nas inter-relações, ou o “nós” predomina?

O processo civilizador é uma teoria. Um estudo de longo prazo que norteia como os indivíduos mudam suas formas de se comportar e sentir. As atividades humanas mais animais são progressivamente excluídas do palco da vida comum e investidas de sentimentos de vergonha (ELIAS, 1993), tais como defecar perante os outros, comer alimentos diretamente do chão, andar nu.

A peculiar trama de independência e dependência, de necessidade e capacidade de decidir sozinho (o “eu”), por um lado, e de impossibilidade de decidir sozinho, por outro (devido ao “nós”), em diversas concepções sociais, tanto emanadas de si, como em obediência norteadas pelo Estado, podem produzir tensões

consideráveis, instigando os indivíduos a controlarem suas emoções (ELIAS e DUNNING (1992)). O desejo de ser alguém por si, individualmente, interliga-se com processos externos e obstrutivos, porque as normas sociais são geridas a partir do “todo”, nas aceitações sociais, no conceito coletivo.

O desejo de estar inteiramente inserido na sociedade (ELIAS, 1994, p. 124), caracteriza o homem como diferente de outros animais, pois carrega sobre si o ônus e o bônus do processo civilizador. O ônus porque “obriga-o” a seguir normas preestabelecidas pela sociedade, e o bônus porque ele beneficia-se desse processo, controlando ações e comportamentos, permitindo uma convivência em que os direitos são respeitados, os limites sociais observados, levados pelas imposições sociais e pela necessidade de sobrevivência em comunidade.

Conforme cita Elias (2011), uma responsabilidade enorme vai pesando sobre os indivíduos à medida que ele se civiliza, porque quanto mais evoluem, mais a sociedade lhes cobra comportamentos civilizados, emoções controladas, ações concernentes ao que deles se espera. Devido viver em sociedade, as normatizações formam direcionamentos a instigar à obediência a elas. Estes fatores caracterizam o desenvolvimento da sociedade. Elias, (1994, p. 103) nos cita que essas relações – todo o estilo de sua coexistência social – levam cada vez mais a um controle geral dos afetos, à negação e transformação dos instintos. À medida que prossegue essa mudança social, os indivíduos vão se desenvolvendo, as pessoas são mais e mais instadas a esconderem-se umas das outras, ou até de si mesmas, as funções corporais ou as manifestações e desejos instintivos antes livremente expressos.

Nessa contextualização, o homem evolui, e uma mudança no padrão de comportamento vai se adequando em conformidade com as normas sociais. Aquilo que se apresenta como um processo de individualização crescente, mas dentro das normas sociais, ou seja, o seu “amadurecimento como pessoa”, é visto como um processo de civilização. As tensões entre os ditames e proibições sociais, internalizadas como autocontrole, e os impulsos espontâneos reprimidos, esse conflito no indivíduo, essa “privação” – como sentimentos de vergonha ou embaraço - desperta a sensação de ser único nas suas emoções, fazendo parte do universo social (ELIAS, 1994, p. 103).

Os excessos das explosões fortes e apaixonadas vão sendo amortecidos por restrições embutidas conservadas pelo controle social, incrustradas de modo tão profundo que não podem ser abaladas (ELIAS e DUNNING, 1992, p. 112), nos processos civilizatórios. Esses sentimentos passam a fazer parte das atitudes comportamentais das pessoas, e esses processos estendem-se em uma teia, abrangendo todo o contexto social, definindo as regras sociais atuais.

### **Sujeito, objeto e metodologia da pesquisa**

Este trabalho se originou da pesquisa para compor a dissertação “Lazer e agricultura familiar: complementares ou antagônicos nos aspectos socioeconômicos no projeto de assentamento Tarumã Mirim?”, executada através do método etnográfico, pela técnica da observação participante. Para a pesquisa de campo, foi utilizado o gravador, e as informações do “dito” e do “observado” foram registradas no diário de campo, cuja transcrição resultou em 199 páginas, que compuseram as bases empíricas para a dissertação, da qual destacamos fragmentos pertinentes para compor este artigo.

A pesquisa etnográfica tem como propósito o estudo das pessoas em seu próprio ambiente, mediante a utilização de procedimentos em profundidade e a observação por um tempo prolongado (MALINOWSKI, 1978; OLIVEIRA FILHO, 1999; GEERTZ, 2008). A técnica para a coleta de dados ocorreu através da observação participante, que consiste em ver, ouvir, captar e entender as palavras e expressões, que, consiste em ver, ouvir, vivenciar, participar das conversas, da rotina in loco do ambiente e dos povos pesquisados, conforme esclarecimentos de Whyte (2005); Malinowski (1978); Alves (2011). Para tal, contamos com um informante-chave, mediador para quesitos de dúvidas ou para sanar falsas interpretações, passando ele a ser colaborador da pesquisa, que foi o líder daquela comunidade e presidente da associação dos moradores daquela comunidade.

Na transcrição integral ou fragmentada dos diálogos, foram observados a fonética da pronúncia. Inicialmente houve o receio de tal procedimento estigmatizar o (a) entrevistado (a), porém, conforme orientação da Mestra na área da Filosofia da Educação, Elvira Eliza França, em comunicação pessoal em 09 de

junho de 2016, recebida por correio eletrônico, nos instruiu para manter a forma de expressão da pessoa entrevistada, registrando o linguajar caboclo, para que não se perca a característica linguística regional de quem deu o depoimento. Ainda que este não seja um trabalho voltado para a análise da linguagem, ele poderá se constituir em material futuro para investigação de algum outro pesquisador nessa área, daí a importância da riqueza linguística dos depoimentos coletados.

Em outros trabalhos acadêmicos também observamos o respeito à fonética original transcrita na íntegra das pronúncias, a exemplificar com algumas citações de Baldino et al (2015): “minha fia, fui trabaia e esquici de istudá. As professora do Mobral veio aqui em casa, pelejô comigo e eu não fui” (idem, p. 391); “Uma vizinha quis aprendê” (P. 392); “Num aprendi nada, nem assiná o nome, mas lembro da parmatória. E tamém tinha uma régua cumprida lavrada assim que ele dava nas perna da gente” (idem, p. 393); “Aprindi a benzêcum dizoito ano, de vê os benzedôbenzê. Fui oiano e fui aprendeno. Eles me binzia e eu punha sintido nu que eles falava. Quando me dava dor de cabeça eu ia benzê, ô dor no corpo. De iscutáaprindi” (idem, p. 394).

É válido esclarecer, e ressaltar, que o caboclo amazônida possui elevado conhecimento no cultivo e na sobrevivência nas regiões inóspitas, se sobressaindo em conhecimentos empíricos que destacam sua sabedoria popular, merecendo o respeito e admiração, não sendo, portanto, o seu linguajar característico interiorano citado neste trabalho que venha a estigmatizá-lo.

A coleta de dados ocorreu na comunidade Afatam, no projeto de assentamento Tarumã Mirim. O referido projeto de assentamento foi criado pelo INCRA, através da Resolução nº 184, de 20 de agosto de 1992, estando aquele imóvel rural inserido no Projeto Fundiário Manaus da década de 1970 e com o decorrer do processo foi-se subdividindo em diversas comunidades<sup>3</sup>, dentre elas a comunidade Afatam. O acesso ao referido assentamento pode ser realizado via terrestre, através do Ramal do Pau-rosa, estrada secundária, à altura do KM 21 da BR 174 (sentido Manaus-Boa Vista), e via fluvial pelo Rio Negro através do igarapé Tarumã Mirim a sudoeste e a noroeste pelo Igarapé Tarumã Açú. Limita-se ao norte e ao sul com terras da União de competência da Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA). O Projeto de Assentamento Tarumã Mirim possui uma área de 42.910,76 ha (429 km<sup>2</sup>), com capacidade para assentar 1.042 famílias (INCRA/AM 1999:1; PINTO e CARVALHO, 2007).

Em virtude de o trabalho original relatar alguns fatos que possam comprometer a posse da terra de alguns moradores, bem como no intuito de mantermos o sigilo da pesquisa, resolvemos substituir o nome da comunidade escolhida por um pseudônimo em que não a identifique, porém que detenha o significado do objeto pesquisado: a agricultura familiar no Tarumã Mirim, que forma o acrônimo<sup>4</sup> AFATAM, que o adotamos. Os acrônimos são escritos em letras maiúsculas, porém neste trabalho o nome da comunidade será citada em minúsculo, exceto a 1ª letra, como se fosse uma palavra própria, identificando-a.

Também no intuito do sigilo da pesquisa, os 70 entrevistados foram descritos com as siglas ENT-1 a ENT-70 para aqueles dentro dos critérios de inclusão (ser o responsável pelo lote, maior de 18 anos); aos entrevistados não responsáveis pelo lote, mas que se destacam dentro da comunidade pesquisada, foram catalogados como Diversos, descritos com as siglas DIV-1 a DIV-15; no acampamento voluntário do Tarumã Mirim, denominado “Trupe da boia”, com 15 cozinheiras voluntárias, a cozinhar para a equipe da Secretaria Municipal de Infraestrutura (SEMINF-AM), que recuperava as vicinais naquele assentamento, denominadas TRU-1 a TRU-15.

Ao todo foram entrevistados 100 pessoas, para completar a coleta de dados da pesquisa, no decorrer de seis meses. A pesquisa foi aprovada pelo Conselho de Ética, sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 51295515.9.0000.5020, número de parecer 1.350.135, de 03 de dezembro de 2015.

### Sociedade dos indivíduos e o processo civilizador

A sociedade, composta por indivíduos, norteiam as formações e os processos sócio históricos, visto que toda sociedade humana consiste em indivíduos distintos e todo indivíduo humano só se humaniza ao aprender a agir, falar e sentir no convívio com outros, pois são nessas interações que as sociedades se desenvolvem. A sociedade sem indivíduos ou o indivíduo sem sociedade formam parâmetros inimagináveis, pois são nessas interações e interdependências que as sociedades formam-se e evoluem. Mas quando tentamos reconstruir no



pensamento aquilo que vivenciamos cotidianamente, é comum surgirem lacunas e falhas em nosso fluxo de pensamento, por ser natural o pensamento tentar dissociar indivíduo de sociedade.

A convivência diária nos mostra que o “outro” faz parte da nossa vivência, da nossa socialização. Afinal, de que serviriam todos os saberes senão para formar uma configuração que responda às nossas expectativas, nossos desejos, nossas interrogações cognitivas? (MORIN, 1999). Os comportamentos ditados pelas emoções sem o “filtro” das regras normativas, sem controle moral, fluidas somente de instintos, remeteriam o ser humano à condição de irracional, afinal, o homem é “um ser plenamente biológico, mas se não dispusesse plenamente da cultura, seria um primata do mais baixo nível” (MORIN, 1999, p. 53).

Em uma abordagem sociopsicológica, cuja problemática e teorias não podem ser prontamente vinculadas a uma psicologia baseada no indivíduo isolado, os integrantes desse campo, à semelhança do campo correspondente nas outras ciências sociais, às vezes atribuem a sociedades inteiras uma alma própria, que transcende as almas individuais, uma mentalidade grupal. E, mesmo quando não chegam a ir tão longe, é comum os estudiosos se contentarem em tratar os fenômenos sociopsicológicos como a soma ou, o que realmente dá na mesma, a média do comportamento de muitos indivíduos.

Para onde quer que nos voltemos, deparamos com as mesmas antinomias: temos uma ideia tradicional do que somos como indivíduos. E temos uma noção mais ou menos distinta do que queremos dizer ao pronunciar o termo “sociedade”. Mas essas duas ideias – a consciência que temos de nós como sociedade, de um lado, e como indivíduos, de outro – formam o todo que é o nosso “eu social” (ELIAS, 1994). Isto nos reporta à Sociogênese e à Psicogênese, em conformidade com Elias (2011). Apesar das referências isoladas, elas estão intrinsecamente interligadas, devido à ocorrência de uma interferir e direcionar a outra.

A Psicogênese altera o desenvolvimento da psique do indivíduo, norteando-o a comportamentos ditos “adequados” na sociedade, ou seja, a transformação que ocorre na estrutura da personalidade do ser individual. Na primeira infância, por exemplo, a criança não controla suas emoções, chora livremente, defeca e urina na roupa, etc., porém, à medida que ela vai se desenvolvendo no seu meio social, ela vai assimilando comportamentos que, se antes era tido como “engraçadinho”, ou natural, ora se torna inadequado. A Sociogênese são inúmeras transformações que ocorrem constantemente nas estruturas das sociedades, produzindo modificações nas inter-relações sociais. A sociogênese e a psicogênese ocorrem reciprocamente no interior dos processos históricos de longa duração, direcionando as mudanças no comportamento dos indivíduos que vão se adaptando, se remodelando, conforme os fatos históricos e sociais, ocorridos no interior das sociedades. Esses comportamentos individuais, que instigam às adequações sociais, vão nos “modelando” a adequar o “eu” no “nós” como sociedade. Essas modificações sociais nos estimularam ao entendimento desse processo.

Elias (1994) volta a nos confirmar que somos um ser autônomo e, ao mesmo tempo, um ser que existe para outros e entre outros, com os quais compõe sociedades de estruturas cambiáveis, em constantes transformações, tal como efetivamente se desdobram ao longo dos séculos, e sem as quais o indivíduo não poderá sobreviver quando criança, nem aprender a falar, pensar, amar ou comportar-se como um ser humano. Não é tarefa simples elaborar, sem se deixar perturbar por essas profissões de fé, modelos conceituais do “indivíduo” e da “sociedade” que se harmonizem mais com o que existe, com o que é comprovado como fato pela observação e pelas reflexões sistemáticas.

No pensamento e no discurso, usamos dois conceitos pelos quais se classificam os fenômenos humanos, a partir de dois planos de observação inseparáveis, como se eles se referissem a duas entidades diferentes, uma das quais pudesse existir sem a outra. Isso, essa ideia da existência separada das duas coisas, de indivíduos que existem, em algum sentido, além da sociedade, ou de sociedades que existem, além dos indivíduos, constitui, na verdade, um dos pressupostos tácitos comuns a ambos os contendores na luta entre “individualistas” e “coletivistas”.

### **A sociedade-família: Entre a individualização infantil e o “nós” da idade adulta**

As crianças de todas as sociedades oferecem exemplos de pessoas para quem a capacidade de ver a si e a seus companheiros de uma certa distância é ainda totalmente inatingível. Elas têm consciência de si e das outras

peças separadamente; ainda vivem e agem em ligação indireta com os outros. Não têm acesso algum à forma de experiência e ideias que permitem expressar-se como algo distinto e independente de seu grupo, como pessoas, em que o “nós” se sobressai. São “individualizadas”, porque ainda não possuem essa capacidade de socialização em âmbito geral. O “meu” é mais arraigado: “Meu” brinquedo, “minha” mãe, “meu” alimento, etc. Ficamos tentados a dizer que são conscientes sem serem conscientes de si. Devemos considerar, inclusive, a possibilidade, ao menos como hipótese, de terem existido grupos humanos em que até os adultos seriam incapazes de executar o ato de distanciamento necessário para se falar de si mesmo como “eu” e dos outros como “vocês”, ignorando a junção do “nós”.

Considerados como corpos, os indivíduos inseridos por toda a vida em comunidades de parentesco estritamente unidas foram e são separados entre si quanto os membros de sociedades mais complexas. O que emerge muito mais nessas últimas são o isolamento e a encapsulação dos indivíduos em suas relações uns com os outros.

Essas relações – todo o estilo de sua coexistência social – levam cada vez mais a um controle geral dos afetos, à negação e transformação dos instintos. À medida que prossegue essa mudança social, as pessoas são mais e mais instadas a esconder umas das outras, ou até de si mesmas, as funções corporais ou as manifestações e desejos instintivos antes livremente expressos no seio familiar, ou que só eram refreados por medo das outras pessoas. Se antes a criança corre desarvoradamente para o abraço fraterno da mãe ou do pai, à medida que eles vão se inserindo paulatinamente em outros grupos sociais, ela passa a reprimir-se ante o desejo de correr para o abraço paterno ou materno. Já se sente tolhida e envergonhada para praticar essas demonstrações de afetos.

Aquilo que, visto por um aspecto, se apresenta como um processo de individualização crescente é, visto por outro, um processo de civilização. Pode-se considerar característico de certa fase desse processo que se intensifiquem as tensões entre os ditames e proibições sociais, internalizados como autocontrole, e os impulsos espontâneos reprimidos. Como dissemos, é esse conflito no indivíduo, essa “privatização” – a exclusão de certas esferas de vida do intercâmbio social e sua associação com uma angústia socialmente instilada, como os sentimentos de vergonha ou embaraço -, que desperta no indivíduo a sensação de ser, “internamente”, uma coisa totalmente separada, de existir sem relação com as outras pessoas, relacionando-se apenas “retrospectivamente” com os que estão “fora” dele.

Desde a infância, o indivíduo é treinado para desenvolver um grau bastante elevado de autocontrole e independência pessoal. É costumado a competir com os outros: na disputa pela bola, pelo carrinho, pela boneca, pelo videogame; aprende desde cedo, quando algo granjeia aprovação e lhe causa orgulho, que é desejável distinguir-se dos outros por qualidades, esforços e realizações pessoais; e aprende a encontrar satisfação nesse tipo de sucesso. A imagem do sucesso lhe remete a um ego elevado perante o seu grupo restrito e também pela sociedade. Mas, ao mesmo tempo, há rígidos limites estabelecidos quanto à maneira como o sujeito pode distinguir-se e os campos em que pode fazê-lo, ou seja, mesmo nas situações de lazer, há o descontrolado das emoções (ELIAS, 2011).

O autocontrole do indivíduo, por conseguinte, é dirigido para ele não sair da linha” (por respeito aos pais, amigos, sociedade ou por autopreservação), instigado a ser como todos os demais. Muitas vezes é mais fácil conformar-se nos aspectos gerais do que distinguir-se em outros. Sem dúvida, nunca é tarefa simples chegar ao equilíbrio exato entre ser como os demais, em alguns aspectos, e ser singular e diferente deles em outros, entre destacar-se ou “ser como todo mundo”.

Devemos considerar que a adaptação dos jovens às suas funções adultas costuma acontecer de um modo que reforça particularmente essas tensões e cisões na personalidade, com o controle dos instintos. Com isso, maior se torna a divergência entre o comportamento dos adultos e o das crianças. A remodelação do indivíduo durante o crescimento, o processo civilizador individual em cujo decurso ele se desloca do ponto de partida do comportamento infantil, que é o mesmo em toda parte, para se aproximar mais ou menos do padrão de civilização atingido por uma sociedade, torna-se mais difícil e demorado (ELIAS, 1994). Prolonga-se o lapso do tempo necessário para preparar os jovens para os papéis e funções mais complexos do adulto.

À medida que aumenta essa lacuna entre o comportamento espontâneo das crianças e a atitude exigida dos adultos, torna-se cada vez menos possível colocar a criança, em idade precoce, como se faz nas sociedades

mais simples, no degrau inferior da escala funcional cujo topo se pretende que ela alcance. Quando as sociedades se tornam mais complexas e centralizadas, quando a especialização aumenta e se diversificam as carreiras oferecidas pela sociedade, a preparação necessária para o desempenho das tarefas adultas também se torna mais prolongada e complexa. Exige mais tempo e mais aprimoramentos para especializar o jovem às suas funções.

Durante um período extenso e que ainda continua a se alongar, as crianças e os jovens são isolados dos círculos dos adultos: frequentam a escola e estudam em universidades, agremiações técnicas e outras instituições especialmente organizadas para o preparo dos moços. O número e a especialização desses institutos aumentam, ampliando-se o acesso a eles. Com a crescente especialização das sociedades, a trajetória do indivíduo a caminho de se tornar uma pessoa autoconfiante e autônoma torna-se mais longa e complicada. Aumentam as exigências feitas a seu autocontrole consciente e inconsciente.

Outros fatores que impedem a assimilação dos jovens na sociedade adulta são o alongamento e a forma especial assumida pelo período que transcorre entre a infância e a idade adulta social. Isso aumenta também a probabilidade de a pessoa em questão não conseguir atingir um equilíbrio adequado entre as inclinações pessoais, o autocontrole e os deveres sociais. À medida que os processos naturais se tornam mais fáceis de controlar, parece que nossa relativa falta de controle sobre as relações entre as pessoas e, em particular, entre os grupos, bem como os insuperáveis obstáculos erguidos contra as inclinações pessoais pelas exigências sociais, se torna muito mais perceptível (ELIAS, 1994).

Desse modo, perpetua-se o símbolo metafísico da individualização crescente, a ideia que o indivíduo tem de que seu interior está isolado do mundo lá fora como que por um muro invisível. Mas ela se apresenta mais como expressão do sentimento pessoal de estar isolado dos outros, ou como a sensação do “indivíduo” de estar separado da “sociedade”, e menos com a expressão de um abismo entre o homem e a natureza. E se amplia a noção desse eu “interior” isolado do mundo externo.

Na juventude, a pessoa pode e deve escolher, dentre a profusão de metas possíveis que essas sociedades lhe oferecem – primeiro através da posição de seus pais e depois através da que ela mesma atinge -, esta ou aquela meta que prometa a máxima realização de suas inclinações e aspirações pessoais. Pode almejar atividades profissionais ou de lazer que, segundo acredita, lhe proporcione uma oportunidade de se destacar dos outros, subsistir-se, tornar-se independente até de seus pais ou da tribo; pode buscar algo que a destaque de todos os seus parentes e amigos, que lhe permita conquistar ou transformar-se em algo especialmente excepcional, singular ou “grandioso”, na competição controlada entre os indivíduos. Pois isso é o que ocupa o mais alto lugar na escala de valores dessas sociedades e que garante ao indivíduo o respeito, o aplauso e, muitas vezes, o amor, sincero ou interesseiro.

Um número cada vez maior de funções relativas à proteção e ao controle do indivíduo, previamente exercidas por pequenos grupos, como a tribo, a paróquia, o feudo ou o Estado, vai sendo transferido para Estados altamente centralizados e cada vez mais urbanizados, socialmente desenvolvido (ELIAS, 1994). À medida que essa transferência avança, as pessoas, uma vez adultas, deixam mais e mais para trás os grupos locais próximos, baseados na consanguinidade. O filho já se afasta de casa, os irmãos vão se distanciando, os pequenos grupos vão se separando, se dissolvendo.

A coesão dos grupos rompe-se à medida que perdem suas funções protetoras e de controle, quando o aconchego familiar vai perdendo espaço para o desenvolver profissional e pessoal dos indivíduos. A mobilidade das pessoas, no sentido espacial e social aumenta. Seu envolvimento com a família, o grupo de parentesco, a comunidade local e outros grupos dessa natureza antes inescapável, vê-se reduzido. Elas têm menos necessidade de adaptar seu comportamento, metas e ideais à vida de tais grupos, ou de se identificar automaticamente com eles, porque novos grupos e novas metas vão surgindo. E, à medida que os indivíduos deixam para trás os grupos pré-estatais estreitamente aparentados, dentro de sociedades nacionais cada vez mais complexas, eles se descobrem diante de um número crescente de opções. Mas também tem que decidir muito mais por si.

Na área pesquisada foi acentuadamente observado esse processo de afastamento dos jovens aos grupos consanguíneos, pela necessidade profissional (e opcional) da migração para a zona urbana, em busca de



trabalho, estudo, ou para “fugir” do destino de agricultor ou pescador. Matos, estudioso da hinterlândia amazônica, e conhecedor das teorias elisianas, relata também tal fato detectado, referente ao êxodo rural dos jovens filhos de agricultores. Relata: “Hoje, filho ou filha de pescador, agricultor, piabeiro, seringueiro não seguem mais a formação dos pais, agora se tornam, entre outras profissões, professores (MATOS, 2015, p. 50)”, devido ao fato, inclusive, da migração dos jovens para outros municípios, rompendo com as funções protetoras dos pais, migrando para outras sociedades.

### Os pronomes: pessoais ou sociais?

Os sentimentos e a auto percepção do indivíduo, que se apresentam no pensamento, na fala e em diversas ações, como uma capa protetora de seu “interior”, exclui-se “simbolicamente” do mundo “externo”, da rotina das outras pessoas. Estão muito estreitamente ligados a esse crescimento do autocontrole individual. Em conformidade com Elias (1994), o que nele se expressa é o desvio das tendências espontâneas para longe da descarga direta na ação pela interposição das funções mais rígidas e mais complexas de controle do próprio indivíduo. Quando amor e ódio podem ser fácil e espontaneamente descarregados na ação, o convívio das pessoas, a menos que seja garantido por poderosos organismos sociais de controle, é altamente volátil.

As pessoas estabelecem contato entre si com facilidade e frequência e fazem pesadas exigências emocionais umas às outras, exigências estas que são atendidas ou não, que trazem alegria ou pesar, e quando há o descontrole das emoções, podem acarretar fatores geradores de violências e ilícitudes, que podem desencadear diversas rupturas nos grupos sociais (ELIAS, 2011).

Quando esses impulsos só podem expressar-se na ação de maneira silenciosa, postergada e indireta, (controlando as suas emoções) com um intenso autocontrole habitual, o indivíduo frequentemente se vê tomado pela sensação de estar isolado de todas as outras pessoas do mundo inteiro por uma barreira invisível. Em consonância com a lógica do pensamento emocional, em que coisas objetivamente inconciliáveis podem facilmente afigurar-se conciliáveis e idênticas se estiverem imbuídas do mesmo sentimento, é comum sentir que essa barreira invisível se funde com o corpo visível. O corpo, tal como aparece ao sentimento, separa uma pessoa da outra, o individualiza, ainda que tenhamos perfeita consciência de que é também ele que as une, em uma “metamorfose social”, um intercâmbio entre o “eu” e o “nós”. Um mundo invisível entre uma pessoa e outra, o “eu” e o “mundo”, expressa-se com muita frequência, direta ou indiretamente, no convívio social.

Nas comunidades mais primitivas e unidas, o fator mais importante, que é o controle do comportamento individual, é a presença constante dos semelhantes, predominando o “nós”, o saber-se ligado aos outros pela vida inteira e, não menos importante, o medo direto dos outros. A pessoa não tem oportunidade, necessidade, nem capacidade de ficar só. Os indivíduos mal sentem alguma oportunidade, desejo ou possibilidade de tomar decisões por si ou de conceber qualquer pensamento sem a constante referência ao grupo. Isso não significa que os membros desses grupos convivam harmoniosamente. É comum ocorrer o inverso. Significa apenas que – para usar o termo que convencionamos – eles pensam e agem primordialmente do ponto de vista do “nós”. A composição do indivíduo adapta-se ao constante convívio com os outros a quem o comportamento tem que ser ajustado (ELIAS, 1994).

O desenvolvimento da sociedade rumo a um nível mais elevado de individualização de seus membros abre caminho para formas específicas de realização e formas específicas de insatisfação, chances específicas de felicidade e contentamento para os indivíduos e formas específicas de infelicidade e incômodo que não são menos próprias de cada sociedade.

A oportunidade que os indivíduos têm hoje de buscarem sozinhos a realização dos anseios pessoais, predominantemente com base em suas próprias decisões, envolve um tipo especial de risco. Exige não apenas considerável volume de persistência e visão, mas requer também, constantemente, que o indivíduo deixe de lado as chances momentâneas de felicidade que se apresentam em favor das metas a longo prazo que prometem uma satisfação mais duradoura, ou que ele as sobreponha aos impulsos a curto prazo. O indivíduo passa a pensar mais em “seu futuro”.

À medida que mais e mais pessoas se tornaram mutuamente dependentes, como especialistas deste ou daquele tipo nessas redes de funções distintas, tornou-se cada vez mais necessário harmonizar suas funções e

atividades. Se antes um mesmo profissional construía uma casa do alicerce ao teto, incluindo os pormenores no acabamento, hoje exige-se os especialistas em cada área, desde aquele “especialista” em piso, forro, eletricitista, designer, etc. cada um na sua área específica. Aos poucos o elemento de autocontrole na harmonização das pessoas com as atividades uma das outras passou a ser uma coisa mais tida por certa. Isto nos leva às interdependências, pois um necessita do outro, para o prosseguimento e finalização de qualquer obra proposta. O “nós” se torna aparente, instigado pela necessidade recíproca.

As pessoas só podem conviver harmoniosamente como sociedades quando suas necessidades e metas socialmente formadas, na condição de indivíduos, conseguem chegar a um alto nível de realização; e o alto nível de realização individual só pode ser atingido quando a estrutura social formada e mantida pelas ações dos próprios indivíduos é construída de maneira a não levar constantemente a tensões destrutivas nos grupos e nos indivíduos (ELIAS, 1994). Uma coisa depende da outra, e essa inter-relação leva ao desenvolvimento individual e a elevação social a patamares ditos desenvolvidos. Nos dois parâmetros – individuais e sociais -, são comuns os conflitos, renúncias, fracassos e colapsos devastadores. É pequena a capacidade de harmonizar a modelagem das necessidades e objetivos individuais, através da educação, por exemplo, com a divisão social das funções. Nas sociedades nacionais existentes, ao que parece, uma coisa ou outra fica em constante desvantagem.

Lado a lado com o desejo de ser alguém por si, ao qual a sociedade dos outros se opõe como algo externo e obstrutivo, frequentemente existe o desejo de estar inteiramente inserido na sociedade. A necessidade de se destacar caminha de mãos dadas com a necessidade de fazer parte, em uma simbiose que, tanto pode favorecer quanto atrapalhar, mas, devido à necessidade de estar dentro das normas pré-estabelecidas socialmente, há de se inserir dentro dessas normas. O sentimento de particular, de estar envolvido, muitas vezes se mistura com o de estar descomprometido, desligado. O objetivo de ser alguém único e incomparável é acompanhado, muitas vezes, pelo de não se destacar, de se conformar, porque o processo normativo o leva à escolhas em que o “coletivo” tem predominância no “individual”.

### Visão e percepção: Entre teoria e prática na pesquisa de campo

Na pesquisa de campo no projeto de assentamento Tarumã Mirim, em diversas oportunidades pudemos observar as teorias de Norbert Elias em variadas nuances, nas mais diferentes situações: às margens dos igarapés; na lida diária dos roçados; no acampamento da associação de moradores; na vivência cotidiana das famílias, e, em todos os contextos, as decisões “do eu” imbricava com a existência “do outro”, nas interdependências e nas inter-relações sociais. Segundo Morin (1999) somos influenciados pelos pensamentos dos outros de tal modo que, apesar de independentes, dependemos das relações que construímos, e nos preocupamos inclusive com o que “o outro” pensa de nós e de nossas ações, pois elas estão interligadas entre a nossa necessidade individual e a concepção coletiva, formando essas inter-relações sociais. Cito a seguir alguns fragmentos pertinentes da pesquisa, detectando essa “preocupação social”:

- *Aqui em casa sempre tem um cafezinho pra gente ofertá pra visita, né? Sinão vão intépensáqui a gente é miserave(miserável). Eu mermo num bebo, vivo só no chazinho, mas quem vem, gosta é de café, intão num custa muito ser educado, num é mermo? Nós num tá vivendo isolado, nós tem vizinho, cunhido, parente. (ENT-54, 70 anos, entrevistado em 2016).*

Observamos também essas inter-relações e interdependências em quatro equipes da “Trupe da boia”, formada por 15 mulheres (designadas pela sigla TRU-1 a TRU-15), no período de dois meses, quando cozinham para a equipe de 20 trabalhadores da SEMINF que recuperavam as vicinais, no acampamento improvisado na sede da associação da comunidade, denominado como “Acampamento da boia”, na localidade pesquisada. Colaboração, interdependências e socialização formavam as inter-relações existentes, demarcando esse campo social: o preparo dos alimentos; a limpeza da sede; a distribuição de tarefas, etc. Cito fragmentos do diálogo da líder da “Equipe Sargentão”, no primeiro dia do seu “reinado” na cozinha comunitária:

- *Vamodexá tudo limpo e organizado. Daqui a pôco tão chegando pra cumê (comer)... E o quieles vão pensar de nós, vendo essa bagunça toda quidexamo, inquanto preparava o almoço? Quisomodisorganizada? Qui é tudo de quarquerjeito? Qui só purquetamona roça num temo educação? Vamoarrumá, minina (TRU-12, 45 anos, entrevistada em 2016).*

Percebemos a preocupação dela com o que “eles iriam pensar”, porque a opinião “do outro” interfere nas ações pessoais. Pudemos observar que outros membros, e outras equipes daquele acampamento, demonstraram comportamentos similares, nortearando as suas ações. Em diversos outros momentos e situações também pudemos constatar essa preocupação constante, conforme fragmentos coletados nas entrevistas e nos diálogos:

- *Tô capinando aqui na prantaçãozinha de cubiu (maná cubiu -*Solanum sessiliflorum*). Pricisá num pricisa, praquêesse matim (matinho) num atrapaiacrecê nem pruduzí, mas chega gente aqui, vê o mato tomando diconta, vão pensa o quê? Quitô morto de priguiza? Qui num sirvo pra nada? Ói dona, sempre fui hõmi (homem) trabaiadô, num arrego pra nada não (ENT-29, 71 anos, entrevistado em 2015);*

[...]

- *Nóis num quéquieles (os filhos) vãosimbora, mais, se num dêxá, o quios povo vão pensar dinóis? Quinóistamocortando o distino deles? Atrapaiano um futuro mió deles? Se num dexá, dispoisvem a falação: num dexôpruingoismo, pra ajudá na roça, mas podia tá mió! Esse povo fala dimais, mas, senóis mora no meio, têm quirespeitá oqui o meio fala, sinõoa gente fica falado (ENT-63, 62 anos, entrevistado em 2016);*

[...]

- *Se comportem, vocês são gente, não bicho. Parem de ficar gritando feito doidos... Até parece qui num dei educação procês... O qui os outros vão pensar docês? E de mim? Quisãõ tudo criado a Deus dará? Sem eira nem beira? Sem freio? A gente mostra qui tem educação é no meio do povo, não só dentro de casa não, viu? (ENT-1, 42 anos, entrevistada em 2015).*

Na pesquisa de campo não foi observado somente essa preocupação latente com a opinião alheia, mas também com a rede de dependência existente entre os assentados, ou mesmo fora da territorialidade local. Essas interdependências estão tão imbricadas no ser humano, que não há como haver um isolamento social. Em diversos lotes visitados, percebemos essas inter-relações: nos puxiruns, onde a mão de obra ofertada atende à demanda exigida, porque um ajuda o outro; nas comercializações das suas produções nas feiras de Manaus-AM, quando vendedor depende de comprador, que depende de consumidor, etc.

No Tarumã Mirim, a área de cada lote varia entre 1 a 4 ha, por estar classificada como pequena propriedade. Para maior aproveitamento, geralmente os assentados procuram preparar os locais de banhos nos igarapés, nas interligações dos lotes. Ao se juntarem, tanto no trabalho (de prepará-los), quanto de apreciá-los, nos momentos de lazer, esses banhos interligados formaram “fontes” ricas em materiais para observarmos o processo civilizador em todas as suas nuances. Para socializarem-se, uns comparecem com o peixe, outros com o suco, o arroz, a farinha, e dessa socialização o lazer se manifestava regido pelo processo civilizador, nas inter-relações sociais e nas interdependências entre eles.

Observamos também a percepção pessoal, instigada pelo social, que não é de “bom tom” os homens comparecerem na casa dos vizinhos sem vestirem camisas, ou às mulheres se visitarem de camisola. Esses mesmos homens que se constroem em ir ao vizinho sem camisa e as mesmas mulheres que se recusam a aparecerem em público de camisolas, comparecem nos igarapés, em meio a todos, usando minúsculos vestuários. São comportamentos vivenciados em naturalidade rotineira, mas, ao afastarem-se do espaço geográfico “banho”, o corpo passa a representar o tabu, que deverá ser coberto pelo vestuário.

São regras aceitáveis por todos e normas pré-estabelecidas que foram se incorporando nas condutas sociais. Essas configurações, quando do momento da sua ocorrência, às vezes não possui significado representativo, porém com o decorrer do tempo algumas situações alteram estruturas individuais e sociais. À medida que as pessoas compatibilizam suas condutas com a de outros indivíduos, eles são compelidos a nortear e modificar comportamentos anteriores, do “eu”, formando uma regulação social, no “nós”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao verificarmos as configurações sociais na comunidade Afatam, percebemos que, apesar de tratar-se de um contexto rural, elas também são inerentes nas redes de relacionamentos, nas interdependências entre os moradores, na observância do comportamento social, na civilidade entre os moradores, na socialização, pois nesses relacionamentos, um depende do outro. A vivência diária se incorpora às normas para um processo

normatizador e civilizador, em uma interdependência social. O processo civilizatório encontra-se imbuído no seu próprio “eu” do caboclo, mesclando-se no “nós” coletivo.

As restrições comportamentais são sinais de evolução social, pois aprenderam a controlar suas emoções e não se expõem em demasia. As explosões apaixonadas, os descontroles emocionais, as demonstrações de excitações, tornam-se cada vez mais raros, até mesmo no seio do próprio círculo familiar, pois todos procuram reprimir suas emoções, até atingirem um patamar de autocontrole no comportamento dos indivíduos.

Detectamos que as sociedades rurais estão imbuídas do sentimento de pertencimento social, tais quais na zona urbana. As inter-relações, observadas em diversos parâmetros, predomina no âmbito do “nós”, porque solidariedade e coletividade foram elementos presentes nos comportamentos entre os assentados.

O “eu” não sobrepujou o “nós”, porque uns dependem preponderantemente do outro, para formar a sociedade rural. Não podemos, instigadas pelo preconceito, definir a sociedade rural como “primitiva”, porque, em diversos momentos e em situações variadas, a sociedade rural analisada se sobressaiu, devidoas inter-relações e as interdependências migrarem para o social, para a coletividade, onde a individualidade é suplantada pelo comportamento coletivo.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Adjair. *Treinando a observação participante: juventude, linguagem e cotidiano*. Recife: Ed. Universitária de UFPE, 2011.
- BALDINO, José Maria; LOURES, Patrícia Marcelina Loures; ALMEIDA, Maria Zeneide Carneiro Magalhães. A educação nas manifestações culturais populares religiosas: benzedores e a transmissão de saberes e “segredos”. *Caminhos*. V. 13 n.2, jul/dez 2015. Doi <http://dx.doi.org/10.18224/cam.v13i2.42883> Disponível em: <http://seer.ucg.br/index.php/caminhos/article/view/388-400/2464>. Acesso em: 07 jan 2016.
- BRASIL. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA. *Diagnóstico Sócio-Econômico-Ambiental do Projeto de Assentamento Tarumã Mirim*. Manaus, 1999. Disponível em: <http://marte.sid.inpe.br/col/dpi.inpe.br/sbsr@80/2006/11.13.13.15/doc/3003-3009.pdf>. Acesso em: 28 ago 2015.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- \_\_\_\_\_. *O processo civilizador*. V.1 Uma historia dos costumes. 2ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2011.
- \_\_\_\_\_. *O processo civilizador*. V.2 Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Rio de Janeiro: Difel, 1992.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia*. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MATOS, Gláucio Campos Gomes de. *Ethos e figuras na hinterlândia amazônica*. Manaus: Valer/FAPEAM, 2015.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Cortez, 1999
- OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. *Ensaio em antropologia histórica*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.
- PINTO, Willer Hermeto Almeida. CARVALHO, Albertino de Souza Carvalho. Geoprocessamento aplicado a análise físico-territorial da área do Tarumã – AM. *Anais XIII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, Florianópolis, Brasil, 21-26 abril 2007*, INPE, p. 3003-3009. *Diagnóstico Sócio-Econômico-Ambiental do Projeto de Assentamento Tarumã Mirim*. Manaus, 1999. Disponível em: <http://marte.sid.inpe.br/col/dpi.inpe.br/sbsr@80/2006/11.13.13.15/doc/3003-3009.pdf> /[marte.sid.inpe.br/col/dpi.inpe.br/sbsr@80/2006/11.13.13.15/doc/3003-3009.pdf](http://marte.sid.inpe.br/col/dpi.inpe.br/sbsr@80/2006/11.13.13.15/doc/3003-3009.pdf). Acesso em: 28 ago 2015.
- WHYTE, William Foote. *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

**RESUMO**

*A sociedade, composta por indivíduos, norteia as formações e os processos sócio históricos, visto que toda sociedade humana consiste em indivíduos distintos e todo indivíduo humano só se humaniza ao aprender a agir, falar e sentir no convívio com outros, pois são nessas interações que as sociedades se desenvolvem, nos remetendo ora ao próprio "eu", ora ao "nós", em constante transmutação. À medida que desenvolvemos nossas concepções adultas, o "nós" se sobrepõe, porque estamos constantemente norteados pelo processo civilizador, que regula como os indivíduos devem se comportar. Pesquisa etnográfica, coleta de dados pela técnica da observação participante, e em entrevistas livres com 100 sujeitos da pesquisa. Detectamos que as estruturas emocionais e comportamentais incorporam-se, moldam-se, norteados por regras nas inter-relações sociais. Elas são adquiridas desde a primeira infância, passando aos ensinamentos escolares, e estendendo-se nos relacionamentos profissionais, numa rede figurativa de relacionamentos, formando as configurações sociais.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Processo civilizador; Inter-relações sociais; Interdependência; Configurações sociais.*

<sup>3</sup>Abelinha, Amigos Imigrantes, Azamor, Boa Vida, Colônia Central, Cristiano de Paula, Cristo Rei, Ebenézer, Fé em Deus, N. Sr<sup>a</sup> de Fátima, N. Sr<sup>a</sup> do Livramento, Nova Esperança, Nova Luz do Bom Retiro, Novo Amanhecer, Novo Paraíso, Raio de Sol, São José, São Sebastião, União da Vitória Cuieiras, e diversas outras, que não foi identificado no momento.

<sup>4</sup>Palavra formada pelas letras ou sílabas iniciais de várias outras palavras.

**ÁGUIDA MENESES VALADARES DEMÉTRIO**

Mestra em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM (2017); Especialização em Docência do Ensino Superior pelo Centro Universitário de Ensino Superior do Amazonas - CIESA (2013); Graduada em Ciências Contábeis - CIESA (2001); Experiência na área comercial (empresária no ramo de supermercado); Agente da Pastoral da Sobriedade (atuando em apoio a dependentes químicos e familiares); Escritora (7 obras publicadas sobre as consequências ao uso abusivo das drogas psicotrópicas); Palestrante (orientações sobre relacionamentos familiares).

**RITA MARIA DOS SANTOS PUGA BARBOSA**

Natural de Manaus-AM, Licenciada, Doutora e Pós doutora em Educação Física. Técnica em Atletismo; especialista em Administração Desportiva; Gerontóloga. Mestre em Ciência de Alimentos; e em Educação. Foi docente FEF-UFAM 1984/2015; Docente credenciada no Programa de Pós-graduação de Sociedade Cultura da Amazônia-UFAM. Autora de livros em educação física gerontológica, imagem corporal, estilo de vida de adolescentes do Amazonas, empreendedorismo na educação física, história de educação física no Amazonas e atletismo



# Publish Research Article

## International Level Multidisciplinary Research Journal For All Subjects

Dear Sir/Mam,

We invite unpublished Research Paper, Summary of Research Project, Theses, Books and Book Review for publication, you will be pleased to know that our journals are

### Associated and Indexed, India

- \* International Scientific Journal Consortium
- \* OPEN J-GATE

### Associated and Indexed, USA

- EBSCO
- Index Copernicus
- Publication Index
- Academic Journal Database
- Contemporary Research Index
- Academic Paper Database
- Digital Journals Database
- Current Index to Scholarly Journals
- Elite Scientific Journal Archive
- Directory Of Academic Resources
- Scholar Journal Index
- Recent Science Index
- Scientific Resources Database
- Directory Of Research Journal Indexing

Golden Research Thoughts  
258/34 Raviwar Peth Solapur-413005, Maharashtra  
Contact-9595359435  
E-Mail-ayisrj@yahoo.in/ayisrj2011@gmail.com  
Website : www.oldgrt.lbp.world